

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Dressmaker*

Autora: *Rosalie Ham*

Copyright © Rosalie Ham, 2000

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Fátima Andrade*

Capa: imagem gentilmente cedida por NOS Lusomundo Audiovisuais

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2015

Depósito legal n.º 399 548/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Os viajantes que cruzassem as planícies amarelas de trigo em direção a Dungatar começariam por notar uma mancha escura a cintilar na orla da planura. Mais adiante, seguindo a faixa de asfalto, a forma emergiria como uma colina. No topo da colina encontrava-se uma velha cabana de madeira, inclinando-se perigosamente para a curva coberta de erva. Dava a impressão de estar prestes a desabar, presa apenas a uma chaminé sólida por glicínias de ramos grossos. Quando os passageiros, que se aproximavam de Dungatar de comboio, sentiam a carruagem descrever a curva lentamente para sul, olhavam pela janela e viam a decrepita casa castanha. À noite, as luzes da casa viam-se da planície circundante, qual farol inseguro num vasto mar negro a piscar na casa da Molly Louca. Ao pôr-do-sol, a colina lançava sobre a vila uma sombra que se prolongava até aos silos.

Numa noite de inverno, Myrtle Dunnage procurava a luz da casa da sua mãe através do para-brisas de um autocarro da *Greyhound*. Pouco tempo antes escrevera à mãe, mas, verificando que não recebia qualquer resposta, arranjara coragem para telefonar. Uma voz brusca na central telefónica dissera:

— Molly Dunnage não tem telefone há anos, nem saberia sequer reconhecer um.

— Eu escrevi-lhe — replicara Tilly — e ela não respondeu. Talvez não tenha recebido a minha carta?

— A velha Molly Louca também não saberia o que fazer com uma carta — fora a resposta.

Tilly decidira regressar a Dungatar.

I

Vichy

Um tecido de algodão que varia em qualidade dependendo do tipo de fio, solidez da cor e peso. Pode ser feito em vários padrões. Um tecido resistente quando tratado de forma adequada. Vários usos, desde sacos para cereais a cortinas, passando por vestidos e roupa de casa.

Tecidos para trabalhos de agulha

CAPÍTULO UM

O sargento Farrat deu uma palmadinha no boné do seu uniforme, tirou um fio da lapela e fez a continência num gesto impecável. Encaminhou-se a passos largos para o cintilante carro-patrolha, para dar início à ronda noturna, sabendo que tudo estava bem. Os moradores estavam calmos e os homens dormiam, pois havia uma possibilidade de vitória no jogo de futebol, no dia seguinte.

Parou na rua principal a observar os edifícios de telhados prateados e esfumados. O nevoeiro deslizava à volta deles em bicos de pés, acumulando-se em torno de portões e muros, erguendo-se entre as árvores como tendas festivas feitas de teia de aranha. Do Station Hotel vinham conversas abafadas. O sargento observou os veículos estacionados à frente do *pub*: os habituais *Morris* e *Austin Minor*, um utilitário, o *Wolseley* do conselheiro Pettyman, e o imponente, mas já muito usado, *Triumph Gloria* dos Beaumont.

Um autocarro da *Greyhound* chegou a roncar e parou com um silvo à frente do posto dos correios, com os faróis a iluminar o rosto pálido do sargento Farrat.

— Um passageiro? — disse ele em voz alta.

A porta do autocarro abriu-se e a claridade do interior escoou-se penosamente para a rua. Uma mulher jovem e esguia saiu para o nevoeiro, num passo leve. O cabelo volumoso dava-lhe pelos ombros. Usava boina e um casaco de corte invulgar. *Muito elegante*, pensou o sargento.

O motorista tirou uma mala da bagageira e levou-a para o alpendre dos correios, deixando-a no canto escuro. Voltou atrás para ir buscar outra mala, e mais outra; por fim, puxou ainda outra

coisa da bagageira: algo com uma tampa em forma de cúpula e a palavra *Singer* impressa em letras douradas a toda a largura.

A passageira ficou a segurar no objeto, olhando primeiro para o ribeiro, depois para cima e para baixo da rua.

— Com a breca! — exclamou o sargento Farrat, saltando do carro.

Ela ouviu a porta a bater, pelo que girou nos calcanhares e começou a caminhar para oeste, em direção à Colina. Atrás dela, o autocarro afastou-se roncando, com as luzes traseiras a encolher ao longe, mas ela conseguia ouvir os passos que se aproximavam.

— Myrtle Dunnage, ora, ora!

Myrtle apressou o passo. O sargento Farrat imitou-a, inspecionando as belas botas que ela calçava — *Italianas?*, especulou para consigo — e as calças, que decididamente não eram de sarja.

— Myrtle, deixa-me ajudar-te.

Ela continuou a caminhar, e o sargento deu um impulso para diante, arrancando-lhe da mão a caixa em forma de cúpula e fazendo-a rodar sobre si própria. Ficaram parados, a olhar um para o outro, o ar branco a rodopiar em seu redor. Tilly tinha-se transformado numa mulher, ao passo que o sargento Farrat envelhecera. Ele levou uma mão pálida à boca, constrangido, depois encolheu os ombros e dirigiu-se para o carro com a bagagem dela. Quando acabou de atirar a última das malas de Myrtle para o banco de trás, abriu a porta do passageiro e esperou. Quando ela entrou, ele fez inversão de marcha e rumou a leste.

— Vamos pelo caminho mais comprido — declarou. O nó no estômago de Tilly ficou mais apertado.

Deslizaram através da bruma e, ao contornarem o campo oval de futebol¹, o sargento Farrat disse:

— Estamos em terceiro lugar este ano.

Tilly ficou em silêncio.

— Vieste de Melbourne, não vieste?

— Sim — respondeu ela num tom inexpressivo.

— Vais ficar cá por muito tempo?

¹ Trata-se de futebol australiano, jogado num campo oval, com postes em vez de balizas e dezoito jogadores em cada equipa. (NT)

— Não tenho a certeza.

Voltaram para trás pela rua principal. Quando passaram pelo pavilhão da escola, ela ouviu os brados infantis dos jogos de *softball* de sexta-feira à tarde, e os guinchos e esparrinhar de água de dias de festa passados a nadar no ribeiro. Quando o sargento Farrat dobrou a esquina da biblioteca em direção à Colina, Tilly sentiu o cheiro do pavimento de linóleo encerado da biblioteca e viu um lampejo de sangue húmido na erva seca lá fora. As memórias de ser levada à paragem do autocarro, já lá iam tantos anos, por aquele mesmo homem despertaram abruptamente e o nó no seu estômago revolveu-se ainda mais.

Por fim, o carro-patrolha subiu lentamente até ao topo da colina e parou. Ela ficou a olhar para a sua velha casa, enquanto o sargento a fitava. A pequena Myrtle Dunnage tinha pele de alabastro, e os olhos e cabelos da mãe. Parecia forte, mas marcada.

— Alguém sabe que vieste, Myrtle? — perguntou o sargento.

— O meu nome é Tilly — replicou ela. — Toda a gente saberá em breve.

Virou-se para olhar o rosto expectante do sargento Farrat à luz do luar enevoado.

— Como está a minha mãe? — inquiriu.

Ele abriu a porta do carro:

— A tua mãe... agora já não sai de casa — retorquiu, apeando-se. A bruma que repousava em torno da varanda agitou-se como folhos de uma saia quando o sargento a atravessou com as malas de Tilly. Segurando a pesada caixa em forma de cúpula, ele comentou:

— Tens uma bela máquina de costura, *Tilly*.

— Sou costureira e modista, sargento Farrat. — Ela abriu a porta das traseiras.

Ele bateu palmas.

— Excelente!

— Obrigada pela boleia. — E fechou-lhe a porta na cara.

Enquanto se afastava no carro, o sargento Farrat tentou lembrar-se da última vez que visitara a Molly Louca. Não a via há pelo menos um ano, mas sabia que Mae McSwiney ficara de olho nela. Sorriu.

— Modista!

A casa de Molly estava húmida e cheirava a urina de opossum. Tilly apalpou a parede empoeirada em busca do interruptor e acendeu-o, depois atravessou a cozinha em direção à sala de estar e dirigiu-se até à lareira. Pousou a mão nas cinzas. Estavam frias como pedra. Foi até a porta do quarto da mãe, rodou a maçaneta e empurrou. Uma luz baça brilhava no canto, junto à cama.

— Mãe?

Um corpo mexeu-se por baixo de uma pilha de cobertores. Uma cabeça esquelética, aconchegada num abafador de bule, virou-se sobre uma almofada de sumáuima suja. A boca aberta lembrava um buraco de carvão, e um par de olhos encovados ergueu-se para ela.

Molly Dunnage, louca e velha, disse à filha:

— Vieste por causa do cão, não foi? Não podes levá-lo. Queremos ficar com ele. — Gesticulou para uma multidão invisível à volta da sua cama. — Não queremos? — Acenou-lhes com a cabeça.

— Então foi isto que lhe fizeram — disse Tilly.

Uma luva, rija e suja, emergiu de baixo dos cobertores. Molly olhou para o seu pulso escanzelado.

— Quatro e meia — anunciou.

Tilly desembrolhou a garrafa de *brandy* que tinha comprado para oferecer à mãe e sentou-se na varanda das traseiras, contemplando as formas esbatidas de Dungatar adormecida. Questionava-se acerca do que deixara para trás e daquilo a que tinha regressado.

De madrugada, suspirou, ergueu o copo à saúde da pequena vila cinzenta e foi para dentro. Expulsou famílias inteiras de ratos, que se aninhavam entre as toalhas no armário da roupa, e diversas aranhas das suas teias arrendadas tecidas à sombra. Varreu pó, sujidade, galhos e um pardal morto da banheira, e abriu as torneiras para a lavar. A água saiu fria e castanha; quando começou a correr límpida e quente, Tilly encheu a banheira e adicionou-lhe flores de alfazema, que foi buscar ao jardim. Tirou a mãe da sua cama suja e puxou-a a cambaleiar até ao banho. A Molly Louca amaldiçoava-a,

arranhava-a e esmurrava-a com os seus membros finos como os de um mosquito, mas depressa se cansou e meteu-se sem dificuldade dentro da água.

— Seja como for — declarou, num tom irritado —, toda a gente sabe que a geleia vermelha se mantém rija durante mais tempo. — E casquinou uma gargalhada para Tilly, com gengivas esverdeadas e olhos alucinados.

— Dê-me os seus dentes — disse Tilly. Molly fechou a boca com força. Tilly cruzou os braços da mãe sobre o peito, imobilizando-a, depois apertou-lhe as narinas até ela abrir a boca para respirar. Soltou a dentadura com uma colher e largou-a num balde de lixívia. Molly gritou e debateu-se até ficar exausta e limpa. Enquanto a mãe estava de molho na banheira, Tilly tirou toda a roupa das camas. Quando o sol já ia alto no céu, arrastou os colchões para o exterior e deixou-os a corar na relva.

Mais tarde, enfiou o corpo escanzelado de Molly de novo na cama e deu-lhe chá preto doce à colher, falando continuamente com ela. As respostas de Molly eram disparatadas e cheias de raiva, mas não deixavam de ser respostas. Depois ela adormeceu e Tilly aproveitou para limpar o fogão, apanhar lenha do jardim e acender o lume. O fumo elevou-se como um balão pela chaminé e um opossum correu sobre as vigas do teto. Tilly abriu todas as portas e janelas e começou a atirar coisas para a rua: uma antiga máquina de costura e um manequim para vestidos comido pelas traças, a carcaça de uma máquina de lavar roupa de rolos, caixas e jornais velhos, cortinas sujas e bocados de tapete endurecidos pela porcaria, um sofá e cadeiras estragadas, mesas quebradas, latas e garrafas vazias. A pequena casa de madeira não tardou a ficar rodeada de lixo.

Quando Molly acordou, Tilly conduziu-a até à casa de banho exterior e sentou-a na sanita, com as cuecas antiquadas tufadas em torno dos tornozelos e a camisa de noite entalada na camisola. Amarrou as mãos dela à porta com o cinto do roupão, para que não me pudesse afastar. Molly gritou com toda a força dos seus velhos pulmões até ficar rouca. Mais tarde, Tilly aqueceu sopa de tomate enlatada, sentou a mãe ao sol — limpa e embrulhada em camisolas,

luvas, gorro, meias, chinelos e cobertores — e deu-lhe de comer. A Molly Louca foi tagarelando incessantemente. Tilly limpou o molho vermelho da boca da mãe.

— Soube-lhe bem?

A mãe respondeu formalmente, «Sim, obrigada, sabe-nos sempre bem», e sorriu graciosamente para os outros convivas do banquete, antes de vomitar em cima daquela mulher estranha que, segundo pensava, estava a dar-lhe veneno.

Tilly foi de novo para a varanda. A brisa soprava-lhe as calças contra as pernas delgadas. Mais abaixo, um fio de fumo evolava-se de um caldeirão de cobre no quintal dos McSwiney, ao fundo da colina, junto do aterro. Os forasteiros presumiam que as carruagens de comboio retorcidas e as caravanas amolgadas faziam parte do aterro, mas era aí que a família McSwiney vivia. Edward McSwiney fazia a recolha dos despejos de Dungatar. Era capaz de despejar cada anexo, cada sanita cheia em Dungatar, mesmo nas noites mais escuras e ventosas, sem derramar uma gota. Durante o dia também distribuía coisas na sua carroça, com o filho do meio, Barney, e um bando de crianças penduradas atrás.

A pequena Myrtle costumava ficar a ver as crianças McSwiney a brincar: o rapaz mais velho, alguns anos mais novo do que ela, seguido por três raparigas e Barney, que «não tinha ficado completamente feito». Era corcunda, com a cabeça torta e um pé boto.

A vila propriamente dita repousava ao sol forte da manhã. A estação de comboio e o silo cinzento quadrado dispunham-se ao longo da linha férrea, cujo arco abrangia os edifícios recortados contra a curva do ribeiro de Dungatar, como sardas no nariz de alguém. O ribeiro sempre fora pouco profundo, sufocado por salgueiros e capim, o seu fluxo lento e a água a ressoar com mosquitos. Os pioneiros fundadores de Dungatar tinham deixado uma planície aluvial ao longo da sua curva interior, na qual existia agora uma espécie de parque com um pavilhão comunitário ao centro, a casa baixa e húmida do Sr. e da Sra. Almanac na extremidade leste, à frente da sua farmácia, e, na orla ocidental, a escola onde Pru-

dence Dimm ensinava os filhos de Dungatar há mais tempo do que qualquer pessoa conseguia lembrar-se. A estrada principal seguia a curva do parque, separando-a da rua comercial. A esquadra da polícia situava-se ao fundo da rua, para leste, a meio caminho entre o cemitério e o limite da vila. Não era uma rua movimentada e havia poucas lojas: a farmácia, o Station Hotel, e depois a A e M Pratt, Merchant Supplies, uma loja que vendia tudo o que era necessário fosse a quem fosse. O posto dos correios, o banco e a central telefónica partilhavam o edifício seguinte, e o último prédio, na extremidade ocidental, combinava a câmara municipal e a biblioteca. As casas de Dungatar, que pontilhavam a paisagem atrás da rua comercial, eram intercetadas por uma estrada de cascalho estreita, que levava ao campo de futebol.

O olho verde do campo oval de futebol retribuía o olhar de Tilly, os carros estacionados em seu redor lembrando pestanas. Dentro de casa, a mãe mexeu-se e chamou, e o opossum correu de novo sobre o teto.

Tilly aproximou-se do manequim tombado na relva. Pô-lo em pé e lavou-o à mangueirada, deixando-o depois a secar ao sol.